

As coisas são as mesmas e os móveis estão no mesmo lugar, inclusive a imensa mesa de reuniões redonda, que serviu Getúlio Vargas. O ambiente é que é diferente dos tempos de Itamar. Os horários são obedecidos, não há amigos pela sala, peruando conversas, ninguém mete a mão na maçaneta sem ser chamado. Ao longo de hora e meia o telefone tocou apenas duas vezes, completando comunicações pedidas: para o deputado Fernando Lyra, que tivera complicações cardíacas, e para o jornalista Tião Gomes Pinto, vítima de uma isquemia cerebral. O estilo presidencial é autoimposto, mas pesa.

— Sou prisioneiro de dois palácios — diz Fernando Henrique. — Não posso visitar um amigo sem causar ciúmes em outros. Outro dia criou-se um caso político porque a assessoria esqueceu de convidar para ir comigo ao Rio um deputado votado em Acari, um bairro que ia visitar. Ora, nem sei onde fica Acari, quanto mais quem é votado por lá, queixa-se o presidente, que começa a achar de bom tamanho um mandato de quatro anos. Seis, deveria ser de enlouquecer, quanto mais quatorze, como o de François Mitterrand. O presidente acaba virando imperador. O que o preocupa é o que fazer com os ex-presidentes.

— No México, o ex-presidente é enterrado para a vida pública como um faraó, mas continua com a sua corte privada. Uma vez caminhei com o ex-presidente Luis Echeverria por Pedregal, o bairro onde mora. Passou o passeio todo dando ordens aos seus acompanhantes. Era o hábito. Talvez a melhor solução seja a da Venezuela e da Itália, onde os ex-presidentes são senadores vitalícios, mas não têm direito a voto. Com isso o problema das pensões estaria resolvido.

Por falar em México, Fernando Henrique acha que a crise da qual tenta sair com a ajuda dos Estados Unidos e do FMI não afeta apenas as economias da América Latina. Afeta todos os mercados emergentes. Em relação ao Brasil, enumera todos os argumentos já apresentados pela equipe econômica para provar que somos diferentes e acrescenta mais um:

— Vivemos em uma democracia onde a imprensa é totalmente livre. Não se pode fazer uma besteira muito grande em economia que aparecem logo os

críticos, para reclamar a correção de rumos. Mas a crise no México teve uma vantagem para nós: os americanos começam a se convencer de que só há dois países que contam nas Américas: os Estados Unidos e o Brasil.

Alertas e troca de informações nos mais altos níveis são parte da “diplomacia presidencial”, possibilitada pelos modernos sistemas de comunicação e pelas múltiplas chances que os chefes de Estado têm hoje de se encontrar. É por meio dela que Fernando Henrique cuida da inserção política do Brasil no mundo, tão ou mais importante que a sua inserção econômica.

— Os presidentes e chefes de governo formam uma espécie de clube, cujos membros se falam com frequência. Ainda hoje telefonou o Sixto Durán, presidente do Equador, para relatar um incidente de fronteira com o Peru. Daqui a pouco vou falar com o Menem, para conhecer a posição da Argentina e ver se podemos fazer alguma coisa juntos para diminuir as tensões.

A importância dos contatos pessoais determina a escolha das primeiras viagens de Fernando Henrique. Irá à posse do presidente Sanguinetti, no Uruguai, depois irá ao Chile, para saldar a promessa feita ao presidente Frei de realizar em Santiago a sua primeira visita de estado.

— O presidente americano, que recebe constantemente presidentes e primeiros-ministros, só recebe duas visitas de estado por ano. São visitas com um protocolo especial, que inclui hospedagem na Blair House, entrega de uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido, no cemitério de Arlington, e um jantar oficial na Casa Branca. Um dos convidados deste ano sou eu, que não podia recusar a homenagem. Irei também a Londres, em maio, para a comemoração dos 50 anos da vitória na Segunda Guerra Mundial. Sou, também, o único latino-americano, porque o Brasil foi o único país do continente a mandar tropas à Europa. No caminho, passo por Portugal, para visitar o Mário Soares. Não irei à cúpula das Nações Unidas sobre desenvolvimento social, em Copenhague. Aonde vão 100 presidentes, na verdade não vai nenhum.